

187/19/20  
ELEGIA

NA MORTE

DO ILL.<sup>MO</sup> E EX.<sup>MO</sup> SENHOR  
MARQUEZ DE NIZA

OFFERECIDA

AO EX.<sup>MO</sup> E R.<sup>MO</sup> SENHOR  
PRINCIPAL TELLES

POR

JOÃO XAVIER DE MATOS.



LISBOA

Na Offic. Patr. de FRANCISCO LUIZ AMENO.

---

---

M. DCC. LXXXIV.

*Com licença da Real Meza Censoria.*

ELLE  
NA MORT  
DO ILMO E MOSSER  
MARQUEZ DE NIZA  
OFFRECID  
AO EXMO ERMO STHOR  
PRINCIPAL TELLES  
POR  
JOÃO XAVIER DE MATOS



LISBOA  
Na Offic. Part. de FRANCISCO LEIZ AMENO

M. DCC. LXXXIV

Com licença do Real Arcebispo

## EX. MO E R. MO SENHOR.

**S** Estes Versos, que penbo nas mãos de V. EXCELLEN-  
 CIA, tristes pelo seu Author, e ainda mais tristes pelo  
 seu assumpto, vaõ renovar no magoado coração de V.  
 EXCELLENCIA a inconsolavel dôr de que ficou repassado pela  
 falta de seu caro Irmaõ o Excellentissimo Senhor Marquez de  
 Niza: se eu vou com elles alterar a cicatriz, que talvez o  
 tempo já tenha principiado a formar sobre este grande golpe: e  
 se eu finalmente terno infructuoso o mesmo balsamo das consola-  
 çõ-



ções que lhe applico ; porque a balança , em que me puz , a caso tombasse mais para a parte da minha dôr , do que para a allivio della ; desculpe-me V. EXCELLENCIA este desacordo , em que me poz a violencia da minha saudade , obrigando-me primeiro a gritar , que a discorrer.

Eu sim tenho feito soar os meus gemidos nos respeitaveis tetos deste Palacio : Poucas pessoas haverá nelle , que não possam ser testemunhas desta verdade : Ellas virão por muitas vezes rebentar nos meus olhos sinceras , e copiosas lagrimas ; mas isto entre domesticas paredes , he estreitar muito as provas do meu eterno sentimento : Isto só não basta : he preciso que se ouça em publico o grito da minha dôr , e que de boca em boca peregrinando por toda a face da terra sirva juntamente de pregação ao meu devido reconhecimento : Mas como irá elle tão longe sem guia , e sem apoio ? Quem lhe ha de dar a mão ? Quem lhe ha de autorizar a verdade ? Quem lhe ha de segurar a fé ? Quem lhe ha de defender a innocencia ? Quem será que faça tudo isto senão V. EXCELLENCIA ? Quem , senão o seu nome estampado no principio de huns versos , que tem por argumento a intempestiva morte de seu Excellentissimo Irmaõ ? Hum Irmaõ tão digno das mais ternas demonstrações , com que V. EXCELLENCIA honra todos os dias a sua saudosa memoria : hum Irmaõ , a quem V. EXCELLENCIA fallava sem lisonja , e amava sem interesse : hum Irmaõ , a quem V. EXCELLENCIA he tão similhante na grandeza d'alma , como na sublimidade do sangue , e que herdou com elle todas as heroicas virtudes que fizeraõ sempre o mais rico patrimonio dos esclarecidos Descendentes da Casa de Unhaõ.

Eis aqui os motivos , porque havendo eu de imprimir esta obra , não podia achar para ella hum Mecenas mais proporcionado , e mais capaz de lhe fazer honra , do que V. EXCELLENCIA. Digne-se pois V. EXCELLENCIA de aceitar a triste offerta , que lhe faço das lagrimas desta Elegia , e que vá com ellas salpicar outra vez o Altar do meu doloroso sacrificio , que são as mãos de V. EXCELLENCIA , de quem sou

O mais favorecido , e fiel Criado

João Xavier de Matos.

ELEGIA.

**M**usa q' n'outro tempo a fronte ornavas  
De capellas de Louro, e de Amarantho,  
Quando as acções do teu Heróe cantavas.

Banhiada agora em largo, e triste pranto  
Arranca as tranças, despedaça as vestes,  
E o rosto cobre de luctuoso manto.

Chora escondidos tantos dons celestes  
Debaixo de huma pedra fria, e dura,  
Que transformou as Palmas em Cyprestes.

Poz-se o teu Astro; veio a noite escura:  
Fantasmas vãs, Espectros macilentos  
Seraõ só de teus versos a pintura.



Naõ farás mais, que padecer tormentos,  
 E de hum cadaver sobre a cinza fria  
 Chorar comigo lagrimas a centos.

Andou a roda: trouxe o tempo hum dia,  
 Que vem servir de noite á nossa idade,  
 E que já mais amanhecer devia.

Morreo... oh que tristissima fauldade  
 Nos faz o nome seu só repetido!  
 Morreo Nizeno exemplo de bondade.

Onde haverá hum peito taõ soffrido,  
 Hum coração de tempera taõ forte,  
 Que se naõ quebre desta dôr ferido?

Por mais que a razaõ santa nos conforte,  
 Naõ tem a carne tanta fortaleza,  
 Que defenda chorar-se huma tal morte.

Bem que o muito sentir seja fraqueza,  
 Antes se note a magoa de extrema,  
 Que se desacredite a natureza.

Deixa o effeito a causa duvidosa,  
 Se não he manifesto, claro, e puro:  
 Sem grandes gritos não ha dôr forçosa.

Aquelle só porém tão frio, e duro,  
 Que leia sem chorar esta Elegia,  
 Da parte de meus versos o esconjuro.

Vinde vós Professores da Poesia,  
 Ajudaime a chorar hum triste caso  
 De tão inopinada tyrannia.

Recolhei nosso pranto em negro vaso,  
 Com elle por memoria eternamente  
 Corraõ turvas as Fontes do Parnaso.

Com lagrimas o Téjo se accrescente  
 De nossos tristes olhos derivadas  
 Até deitar por fóra a graõ corrente.

As Nynfas nunca mais desemeçadas  
 Tragaõ as louras humidas madeixas,  
 Mas sobre os alvos hombros desgrenhadas.

Alternem magoadíffimas endeixas,  
 E nellas contra a morte ao Ceo levantem  
 Medonho choro, inconsolaveis queixas.

As tyrannias já de amor naõ cantem;  
 Sim desta morte a tantos adversaria  
 Extremos taes, que todo o Mundo espantem.

Morte cega, cruel, e voluntaria,  
 Bem sei que es á razaõ conforme, e justa,  
 Posto que á natureza taõ contraria.

Nada



Nada val contra ti força robusta,  
 Só alma heroica, que a virtude observa,  
 Das tuas ameaças não se assusta.

Não tem no Mundo as tuas leis reserva,  
 Guardas com todos huma só medida,  
 Es nisto igual, em tudo mais proterva.

Es effeito da culpa contrahida  
 Por legitima herança de hum direito,  
 Que te fez tributaria a nossa vida.

Aquelle que só póde armarte pleito,  
 E dispensar na lei, porque a fizera,  
 Só porque homem se fez te foi sujeito.

Não digo que não mates, só quizera,  
 Que pedisses mais tarde este tributo  
 A quem era razão que mais vivera.

E pois folgas de encher de sombra, e luto  
Por toda a parte os tímidos humanos,  
E o teu Altar de lagrimas sem fruto.

Faltarã gente má, cheia de enganos,  
Faltarã ufurarios, e avarentos,  
Julgadores venaes, e Reis tyrannos?

Naõ tinhas (inda mal) homens aos centos  
Mascarados com cores de virtude,  
Homens sem fé, sem lei, sem sentimentos?

Outros de genio, e coração taõ rude,  
Que com roubos, perjurios, e affacinius  
Damnando vaõ a publica faude?

Levas os bons, perdoas aos indignos,  
Quando debes ser branda, es mais violenta,  
Quem he que ha de entender os teus destinos?

Mas

Mas em vaõ com razões se te argumenta,  
 Choremos n'um só bem mil bens perdidos,  
 Despojos tristes deffa maõ cruenta.

Subaõ da terra ao Ceo nossos gemidos,  
 Que o Ceo he justo, e ouve os desgraçados,  
 A morte he furda, e naõ nos presta ouvidos.

Vós que pizais os Orbes estrellados,  
 Almas dos Grandes Telles, Castros, Gamas,  
 Claros Sylvas, Noronhas sublimados.

Vós que gozando estais honras, e famas  
 Onde vossos trabalhos se acabaraõ  
 Já coroados de perpetuas ramas.

Exemplo, e tambem premio aos que ficaraõ,  
 E que depois aos impetos da morte  
 Por seu Deos, e seu Rei se aventuráraõ.



Vós pois, ó companhia fãta, e forte,  
 Esperai por hum novo Descendente,  
 Que inda ha de ir ter comvosco a mesma forte.

Fazei-lhe a par de vós lugar decente  
 Lá onde em alto erguido resplandeça  
 Sete vezes, e mais que o Sol luzente.

Se hum' pouco vos tardar, não vos pareça  
 Que he de meus versos algum vaõ presagio:  
 Nem sempre para o Ceo se vai depressa.

Quem he que sahe deste cõmum naufragio  
 Taõ innocente, e puro que não fique  
 Das ondas recebendo algum contagio?

Não basta a hũa alma a dor que a justifique,  
 He preciso outra dôr, que do terreno  
 Vaso, em que andou no Mundo, a purifique.

Alma

Alma formosa do meu bom Nizeno ,  
Torna a ir para o Ceo donde vieste ,  
Que o baixo Mundo he para ti pequeno.

Mas oh que fogo taõ sagrado he este ,  
Que a través das estrellas claro , e puro  
Sobe inda acima da Regiaõ celeste !

Tu es : Tu vás faudar esse alto muro  
Da graõ Jerusalem Cidade santa ;  
Já es seu Cortezaõ forte , e seguro.

Vê como a Dextra teu Senhor levanta,  
Naõ para te punir , que es innocente ,  
Mas para abençoar virtude tanta.

Ouve a suave musica contente ,  
Com que vem receber-te os teus Maiores  
Rodeados de luz continuamente.

Em

Em aspero lugar de vivas dores  
 Já , como tu , fraquezas expiaraõ ,  
 Que tambem os Heróes faõ peccadores.

Se illustremente em vida calejáraõ  
 O generoso espirito em duras guerras ,  
 Com que do negro Lethes escapáraõ :

Se em taõ longos rodeios de agoa , e terras  
 Tantas vezes constantes resistiraõ  
 Ao vento em furacões , ao mar em ferras :

E gotejar seu claro sangue viraõ  
 No meio de Infiéis a Deos contrarios ,  
 Com que esmaltados para o Ceo subiraõ :

Foi porque o tempo , e seus effeitos varios  
 No Mundo largo campo lhe offreceraõ  
 Para tantos esforços necessarios.



Manhos dias de paz, que amanheceraõ  
 No tempo de Nizeno, ás armas dado,  
 Escassa prova em seu valor fizeraõ.

Fez quanto fazer deve hum bom Soldado:  
 Servio, soffreo, e muito mais faria  
 C'hum só acceno do seu Rei mandado.

Naõ lhe faltou esforço, e ousadia  
 Para investir a peito descuberto  
 Grossos muros, medonha artilharia.

Se naõ viraõ seu corpo em campo aberto  
 Ficar sobre montões de gente morta,  
 Em sangue tinto, e de suor cuberto.

Viraõ sua alma em Jesu Christo absorta  
 Pedir perdaõ, para nos dar exemplo  
 De hum modo de morrer que mais importa.

Assim

Affim he que se sobe ao grande Templo  
Da feliz, e suprema Eternidade,  
Onde já feu espirito contemplo.

Lá sem que o toque a lassa enfermidade,  
Ao filho de Esculapio não recorre,  
Pois já delle não tem necessidade.

Sádia viração sempre alli corre :  
De lá estarás, ó alma, reluzindo,  
Como faról em cima de alta Torre.

Para sempre estarás cantando, e rindo ;  
E nós ( tristes de nós ! ) sem ti ficámos  
Neste valle de lagrimas carpindo.

Se te vamos buscar, já não te achamos,  
Se fallamos contigo, não respondes,  
Nizeno em vaõ, Nizeno em vaõ chamamos.

Por-

Porque razaõ affim de nós te escondes;  
E nos deixaste em taõ comprida ausencia ?  
Que mal a teus amigos correspondes !

Mas se affim foi preciso , paciencia :  
Armados da razaõ , que nos subjiga ,  
Faremos á faudade resistencia.

A núa , e vil pobreza , que mendiga ,  
E a outra a quem pedir vergonha impede ,  
E a muitos a morrer primeiro obriga ;

Quantas vezes iráõ , como succede ,  
Bater ás portas de algum rico avaro ,  
Que naõ queira matar-lhe a fome , e a sede ?

Nelle tinhaõ o feu Pai , e amigo caro ,  
As suas esperanças , e alegria ,  
Seu prompto escudo , feu benigno amparo.

Mas



Mas poz-se o Sol, escureceo-se o dia ;  
 Veio a morte cruel, e arrebatada ,  
 Tudo levou com elle á terra fria.

Fechou-se a mão de bem fazer cansada ,  
 Aquella rota mão, que eternamente  
 Para mais não se abrir ficou gelada.

Porém tu, Mulher forte, e excellente  
 Senhora, que soffrer podeste o triste  
 Golpe, que entristeceu a tanta gente:

Tu, pois, que aquelle Heróe apartar viste,  
 A quem metade da tua alma déste ,  
 E cortada da dôr lhe resististe:

Que he da sã fortaleza, que tiveste?  
 Pois podendo até gora soffrer tanto,  
 Só ver chorar os pobres não podeste.

Oh

Oh caridade digna de alto espanto!  
Quem ha, que da miseria mais se dôa?  
Quem ha, que te possua em gráo mais santo?

Vê como essa Heroína se coroa  
Com tuas obras, obras singulares,  
Que são as azas, com que ao Ceo se vôa.

Sólidas todas, todas exemplares,  
Sem ter por alvo os frivolos louvores,  
Comque estófa a vaidade os seus Altares.

Hum certo amor, que as almas supriores  
Tem á virtude, nella só florece  
Cultivado com lagrimas, e dores.

Já o pálido enfermo não falece  
Por falta dos soccorros, que não tinha,  
Porque tudo a seu tempo lhe apparece.

A pobre mãe, que mísera, e mesquinha  
C'os filhos nós, e pela mão levados  
De porta em porta languida caminha:

Aquelles, que não tem onde encoitados  
O pezo levem de seus curvos annos  
Em serviço, talvez, do Rei gastados:

Tantos males acerbos, tantos damnos  
De honras, quasi vencidas da maldade  
De homens descomedidos, e inhumanos:

Tudo achou refrigerio, achou piedade ;  
Tudo Nizea prevenio por gloria  
Desse Heróe, que subio á Eternidade.

Assim de seu Esposo honra a memoria ;  
Que hum grande caso ás vezes se eterniza  
Melhor na Tradição, do que na Historia.

Nem



Nem das altas Pyramides precisa,  
Postas no vaõ sepulchro de Mausolo  
Pela dôr caprichosa de Artemisa.

Tem as virtudes mais brilhante côlo,  
Mais firme, e mais formosa architectura,  
Que os altos Globos do doirado Pólo.

Estes são os ornatos, e a pintura  
Do rico Mausoleo, em que descança  
Aquella Alma já fãta, clara, e pura:

Basta, Illustre Senhora, esta lembrança  
Com que tão grave dôr se nos compensa,  
Para pormos em ti toda a esperança.

Nizeno está n'um mar de gloria immensa  
De que as tuas acções tambem tem parte;  
Que assim Deos as virtudes recompensa.

Se podem razões minhas consolarte,  
Inda que tarde , estas razões te offreço ,  
Que vão deſpidas de liſonja , e arte :

E tu , Alma feliz , ſe te mereço  
Inda aquella paixãõ , com que fazias  
De meus humildes verſos tanto apreço :

Confagrarei a teus ſaudoſos dias ,  
Naõ já Odes alegres , e elegantes ,  
Mas Epicedios triftes , e Elegias.

Verſe-haõ do Mundo os Pólos vacilantes :  
Será o Sol a cinzas reduzido ,  
Cahirãõ as Eſtrelas rutilantes :

O Mar co' Ceo , e Terra confundido ,  
Será tudo ao primeiro Cháos tornado ;  
Mas eu a ti , e aos teus agradecido.

E até

E até quando se ouvir o extremo brado,  
Terrível som de universal Trombeta  
No dia do Senhor tremendo, e irado;

Se póde ser que tanto te prometta:  
Alli darei sinaes desta amizade  
Em vida, e morte intima, e completa.

Mas em quanto de magoa, e de piedade  
Encho este curso da vital carreira,  
Batalhando co' a vil necessidade,

Lgrimas chorarei de tal maneira,  
Que te cavem de novo a Sepultura  
Por penhor desta fé taõ verdadeira.

---

E alli curvado fobre a terra dura,  
Por teus Illustres ossos respeitada  
Deixarei esta simples escriptura:

Aqui



Aqui jaz a grandeza sepultada  
 Dos Alexandres todos, e a clemencia  
 Dos Titos, e dos Numas celebrada.

Aqui jaz a bondade, e a innocencia  
 De hum peito aberto, candido, e jucundo,  
 O mesmo no interior, que na apparencia:

O nosso Bem, o nosso Pai segundo,  
 Que as delicias se fez do trato humano,  
 O melhor Coração, que vira o mundo,  
 O maior Bemfeitor, que teve Albano.

F I M.

*Si aliquid dixi contra fidem, indictum volo.*

---

Na Pag. 10. os dois primeiros versos do 2. terceto se devem ler desta sorte:

Faltava gente &c.

Faltavaõ usurarios &c.

